

## TEXTOS EXTRAÍDOS DO LIVRO RETRATOS JAPONESES – CRÔNICAS DA VIDA PÚBLICA E PRIVADA

de Donald Richie

tradução de Lúcia Nagib.

São Paulo, Unesp/Escrituras, 2000, pp. 42 a 47

### Sada Abe



Depois da guerra, solta da prisão, ela arrumou um emprego em Inari-cho, no centro de Tóquio: no Hoshi-Kiku-Sui – a Água-Crisântemo-Estrela – um bar.

Ali, toda noite, trabalhadores da redondeza – pois tratava-se de um taishusakaba, um bar de trabalhadores – se reuniam para beber saquê e shochu e beliscar lula grelhada com picles de nabo. E toda noite, por volta das dez, Sada Abe aparecia.

Era esplêndido. Ela descia a escada – o que, em si, já era um grande acontecimento, que se encerrava bem no meio da clientela. Sempre de quimono chamativo, algum que restara da época de seu crime – começo de Showa, 1936 –, Sada Abe surgia no topo dos degraus, parava, observava a platéia embaixo e então descia lentamente.

De onde vinha, nunca se soube. Alguns diziam que seu esconderijo ficava no andar superior, cheio de fotos velhas e móveis extravagantes. Outros afirmavam que a escada não levava a lugar algum, que ela tinha que trepá-la por trás antes de aparecer em público. De todo modo, a descida era dramática, com muitas pausas para que ela mirasse os fregueses embaixo, lançando olhadas para este ou aquele. E ao fazê-lo, avançando lentamente, expressava indignação.

Sempre indignação. Era parte do show, da apresentação. A razão ostensiva era a atitude dos homens embaixo. Invariavelmente, eles cobriam as partes íntimas. Os dedos apertavam com força, depois eles se viravam e riam à socapa. Acima, Sada Abe, descendo, fingia fúria, lançando olhares fulminantes aos que apertavam as partes e riam ainda mais. Irada, ela golpeava o corrimão, e as gargalhadas estouravam.

Essa pantomima se devia à natureza do crime de Sada Abe. Vinte anos atrás, ela decepara o pênis de seu amante. Quando já estava morto, é claro. E morrera porque os dois tinham descoberto que, quando ela apertava o pescoço dele com força, seu membro exausto se reanimava, mas certo dia ela apertou demais e o matou.

Era a esses fatos que seus fregueses agora, duas décadas depois, aludiam, ao esconder o pênis com risinhos. E era o que ela reconhecia, fingindo fúria.

Ao pé da escada ela parava e varria o recinto com seu olhar flamejante. Então, no silêncio crescente, postava-se e fixava os olhos.

A galhofa cessava. Alguns homens se encolhiam mais, como se estivessem realmente amedrontados. Talvez estivessem, pois essa mulher já era uma figura lendária. Uma assassina. Que cumprira pena de prisão. Escrevera um livro sobre suas façanhas. E seria – talvez pensassem – capaz de fazer tudo de novo.

Ela se postava como um basilisco. O último risinho se dissipava. Silêncio, absoluto. Então, somente então, como se tivesse recebido a homenagem

desejada, Sada Abe sorria. Um sorriso cordial, acolhedor que a acompanhava quando se punha a servir as bebidas e dar tapinhas nas costas dos fregueses.

Como tantas atendentes de bar, masculinizava-se, tornava-se um dos garçons. Diferenciava-a, no entanto, o fato de realmente ter esganado um homem até a morte e depois decepado seu membro. Consequentemente, levar tapinhas de Sada Abe causava um frisson.

- Olá, você de novo? Gostou deste lugar, hein?, perguntava-me, baixando os olhos para mim e acrescentando: Tragam o melhor para este aqui, rapazes. Vamos todos esvaziar os copos agora.

la-se então para outra mesa, voltando para mim o olhar de vez em quando. Era um olhar interessado. Ela parecia cismada, talvez se perguntasse se eu também conhecia sua história.

Conhecia, e também cismava com ela e com o rumo que sua história tomara. Ter matado o amante sem querer, num momento de paixão, ter resgatado da catástrofe, num momento de pânico, o objeto que, como criança, se amou – era uma coisa. Outra bem diferente, porém, era conviver com o público, apresentar-se como figura de terror vulgar e depois de diversão trivial.

Ela decerto agredira o homem, daquela vez, mas agora parecia feri-lo duplamente. E estava igualmente se mutilando, ao parodiar um evento de tanta importância para ela, que tanto transformara sua vida. Ela estava – senti com precisão – descrente.

As risadas tinham recomeçado. Alguns mais ousados vociferavam que estavam com medo de ir mijar. Outros gritavam para que se escondessem as facas na presença dela. Ela sorria, distribuía tapinhas e servia saquê, desfilando em seu quimono listrado da era Showa, como uma professora entre alunos travessos.

Às vezes, porém, o grande sorriso esmaecia. Ela parecia meditar. Deixava-se ficar, garrafa de saquê na mão, distraída. No quê, mas no que será que está pensando, eu me perguntava, a essas alturas já meio bêbado também.

Talvez pensasse naquela noite, vinte anos atrás, ou talvez nas contas a pagar no presente.

O que quer que fosse, ela logo se recompunha e saía sorrindo entre as mesas. Era só isso, porém. Suas visitas noturnas nunca duravam muito. Passada uma hora, de repente ela não estava mais. Ninguém a via subir a escada e ninguém daquele bando embriagado lá embaixo notava sua ausência.

Talvez ela não aguentasse mais a paródia em que sua vida se transformara. Ou talvez tivesse subido para receber a féria do dia.

### **Eiko Matsuda**



- Oh, não, realmente prefiro a Europa, disse ela, escura no calor de verão, voltando-se para observar o sol que se punha por trás da basílica de São Pedro.

Não precisei adivinhar por quê. Muitos japoneses encontram a liberdade no estrangeiro, mas poucos por razões como as dela.

- É tão interessante. E, é claro, tenho amigos aqui.

Tendo começado como atriz na trupe de Shuji Terayama, foi descoberta por Nagisa Oshima e trabalhou em *O império dos sentidos*, no papel de Sada Abe, aquela que estrangula Tatsuya Fuji e decepa seu pênis. Embora esta cena e muitas outras estivessem faltando quando o filme foi exibido no Japão, jornais e revistas conseguiram enxergar o bastante para criticar.

Era vergonhoso. Uma verdadeira atriz não podia se comportar daquela maneira. E – talvez o mais criticável – ela parecia estar fazendo tudo aquilo para os estrangeiros, pois somente eles podiam ver o ato na íntegra. No entanto, era uma história puramente japonesa. Ela era um de nós, não importa o que tivesse

feito. Por que essa intérprete barata que chamam de atriz estava exibindo nossa vergonha lá fora?

Por que ela se comportou assim? – era a questão. O homem nunca foi criticado. A carreira de Tatsuya Fuji, então um ator menor, recebeu enorme impulso, localmente. Graças ao filme, ele se tornou uma estrela, aparecendo em comerciais de cigarro, e nunca mais precisou representar nu.

Com ela foi diferente. Era uma boa atriz, como ficou provado, mas não teve mais convites para protagonizar filmes, a não ser em papéis pornô. Recebeu também propostas de contrato para strip-tease. E sugeriu-se mais, montanhas de dinheiro que permitiriam aos japoneses experimentar na carne o que lhes fora negado na tela.

- Oh, não, a razão não é absolutamente essa, disse ela, com sua pele escurecida pelo lusco-fusco, São Pedro, negra: não me importo com o que escrevem na imprensa. Se me importasse, bem, eu não duraria muito. Não, sinceramente. Gosto da Europa. Tenho meu apartamentinho agora em Paris. E adoro vir a Roma.

Ali estava ela, sentada ao crepúsculo, com um vestido negro decotado nas costas, colar de ébano e âmbar, sapatos pretos de bom couro, bolsa preta de bom couro. Eu sabia o que estava por trás de toda aquela elegância. Pois eu também vi o filme e, evidentemente, sua carne nua me era mais real do que a elegância posada, sentada agora a meu lado num terraço romano.

- Certamente não foi por causa do que eles escreveram. Na verdade, muitas mulheres que fizeram menos sofreram mais. Houve mesmo alguns elogios – Nippon Sports me chamou de corajosa. Você sabia? Pois chamou.

Ela estava muito diferente de Sada Abe no filme. Nele, era uma doméstica, aberta, inocente, terra-a-terra, entregando-se a jogos infantis com seu patrão. Agora, estava de negro e elegante, segurando um martini gelado entre dedos de unhas esmaltadas, virando-se para falar em francês com alguém, voltando-se para mim para responder a pergunta anterior.

- No cotidiano? Ah, faço compras. Vejo filmes. Amigos – vou a cafés, coisas assim.

Ela era frágil, sentada na beira da cadeira como se não pertencesse àquilo, como se tivesse apenas pousado, à maneira de um pássaro, em seu vôo para algum outro lugar, como se fosse quebrar se tocada – e no entanto era a mesma mulher da minha memória, toda músculos, suco, coxas abertas.

Todos os seus traços agora afirmavam um pedido rígido e educado – não me toque, seu corpo dizia, sendo cada curva uma inconfundível recusa. Ela estava aprisionada num chique assexuado.

Teria a real Sada Abe feito o mesmo para si? Após deixar o bar de Inari-cho, desapareceu. A produtora Nikkatsu fizera um pornô leve com sua história, e isto não ocasionara reclamações. Então Oshima quis fazer sua versão e imaginou que talvez precisasse de autorização. Ela foi descoberta, aparentemente após longa procura, num convento em Kansai – tosada, devota, e não fez objeções.

- É fácil concluir que sou uma espécie de mártir, fugida de meu próprio país, disse Eiko Matsuda, sorrindo: mas, acredite, não é nada disso.

Uma pessoa não precisa ter os cabelos tosados para expiar, também pode fazer um penteado novo. O vestido parisiense de Eiko Matsuda era preto como um hábito religioso. A seu próprio modo, ela se tornara Sada Abe; pagara preço semelhante por fazê-lo. Há vários tipos de convento.